

O POTENCIAL DOS ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL NO ENSINO DE HUMANIDADES: UMA EXPERIÊNCIA NA REGIÃO DO CAPARAÓ CAPIXABA
THE POTENTIAL OF NON-FORMAL EDUCATION SPACES IN HUMANITIES TEACHING: AN EXPERIENCE IN THE CAPARAÓ CAPIXABA REGION

SABRINE LINO PINTO
INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
sabrine@ifes.edu.br

EDUARDO FAUSTO KUSTER CID
INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
eduardok@ifes.edu.br

ARAMIS CORTES DE ARAUJO JUNIOR
INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
aramiscortes@ifes.edu.br

CAROLINA HOLZMEISTER VALENTIM
FACULDADE DE SÃO MARCOS
carolinavalentim@hotmail.com

Resumo: O objetivo deste artigo foi considerar o potencial pedagógico de uma saída a campo, ocorrida no segundo semestre de 2022, em um curso de mestrado profissional em ensino de humanidades em espaços de educação não formal na região do Caparaó Capixaba, Espírito Santo. Trata-se de um estudo qualitativo, que contou com aplicação de um questionário como instrumento de coleta de dados para analisar, por meio das percepções e apontamentos de pontos fortes e pontos a melhorar, a potencialidade dessa saída a campo no processo de construção de conhecimento contextualizado e reflexivo. Os resultados demonstraram que a saída a campo se configurou como uma prática pedagógica que possibilitou o exame de questões históricas, políticas, ambientais e socioculturais, a partir do território vivido e de experiências com a realidade e a natureza, revelando campos para adequações, os quais serão avaliados para não comprometerem a eficácia da experiência no caso de novas saídas.

Palavras-chave: Espaços de educação não formal. Ensino de humanidades. Saída a campo. Caparaó capixaba.

Abstract: *The objective of this article was to consider the pedagogical potential of a field trip that took place in the second half of 2022 in a professional master's course in humanities teaching in non-formal education spaces in the region of Caparaó Capixaba, Espírito Santo. This is a qualitative study that included the application of a questionnaire as a data collection instrument to analyze, through perceptions and notes of strengths and points to be improved, the potential of this field trip in the process of building contextualized knowledge and reflective. The results showed that the field trip was configured as a pedagogical practice that allowed the examination of historical, political, environmental and sociocultural issues from the territory lived from experiences with reality and nature and revealed fields for adaptations, which will be evaluated so as not to compromise the effectiveness of the experience in the case of new departures.*

Keywords: *Non-formal education spaces. Humanities teaching. Exit to the field. Caparaó capixaba.*

1 INTRODUÇÃO

As saídas a campo se tornam um diferencial no desenvolvimento do processo de construção do conhecimento. Além de promover o processo de ensino aprendizagem, por relacionar conteúdos teóricos com o ambiente externo, contribui para o desenvolvimento da sensibilização dos discentes com os meios natural, territorial e cultural, aproximando os professores e os alunos, e estes entre si, num intercâmbio de amizade e troca de experiência mútuos.

A escolha da região do Caparaó capixaba, como palco da saída a campo, se deve às características territoriais e ambientais da região, que compreende 12 municípios, ao sul do estado do Espírito Santo: Alegre, Bom Jesus do Norte, Divino de São Lourenço, Dolores do Rio Preto, Guaçuí, Ibatiba, Ibitirama, Irupijuba, Lúna, Muniz Freire, São José do Calçado e Jerônimo Monteiro. No Caparaó, estão situados o Pico da Bandeira, com 2.890 m de altura (o terceiro mais alto do Brasil), e a Cachoeira da Fumaça, com queda de 140 m de altura, pontos turísticos que têm despertado a atenção não só de turistas, mas, inclusive, de pesquisadores de todo o mundo. Outro motivo que levou à escolha desse local foi a proximidade dos professores regentes da disciplina Debates Conceituais em Geografia com a região, pois essa localidade é objeto de estudo de pesquisas que vêm sendo desenvolvidas; também contribuiu para a seleção a viabilidade de alojamento para todo o grupo em um *campus* da instituição de ensino ali sediada. Vale considerar, ainda, o fato de poderem contar com o apoio de um professor colaborador, que auxiliou na elaboração da programação com o agendamento junto aos responsáveis e proprietários dos locais e da recepção do grupo.

Dessa forma, o presente artigo faz considerações acerca das percepções de alunos de mestrado coletadas por meio de um questionário composto por 18 questões objetivas e subjetivas, que possibilitou analisar o potencial da saída a campo como estratégia de ensino que pode contribuir para a aprendizagem e a formação de alunos de pós-graduação.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Os espaços não formais de educação estão relacionados às situações e aos ambientes interativos, localizados fora da instituição escolar (FARIA; JACOBUCCI; OLIVEIRA, 2011; GOHN, 2006), e devem

ser usados de forma didática, pois promovem o desenvolvimento de habilidades e de competências e a mudança de atitudes; além disso, “[...] propiciam aos alunos atividades de aprendizagem, onde relacionam os conteúdos teóricos com a realidade numa perspectiva interdisciplinar e auxiliando-os a compreenderem melhor a realidade.” (REIS et al, 2019, p. 26) Nessa perspectiva, tais espaços se constituem em instrumentos colaborativos que promovem o desenvolvimento de práticas pedagógicas dirigidas para o ser humano como um todo (GOHN, 2006) e que despertam o interesse e a curiosidade dos alunos, propiciando que os conhecimentos científicos sejam trabalhados de forma mais específica e, assim, resultar numa aprendizagem mais significativa.

O uso dos espaços não formais de educação são possibilitados mediante a realização de saídas a campo, as quais se configuram como atividades de deslocamento dos alunos para um ambiente externo aos espaços de estudo da escola; tais saídas estão associadas a “[...] uma estratégia de ensino onde se substitui a sala de aula por outro ambiente, natural ou não, onde existam condições para estudar as relações entre os seres vivos ali presentes, incluindo a interação do homem nesse espaço, explorando aspectos naturais, sociais, históricos, culturais, entre outros.” (VIVEIRO; DINIZ, 2009, p. 2-3) Essa descrição demonstra que as opções são muitas e variadas, podendo “ocorrer em um jardim, uma praça, um museu, uma indústria, uma área de preservação, um bairro, incluindo desde saídas rápidas ao entorno da escola até viagens que ocupam vários dias.” (VIVEIRO; DINIZ, 2009, p. 3) Por isso, percebe-se que inúmeras são as contribuições das visitas e das atividades realizadas nesses locais para o ensino. Porém, há de se atentar para o fato de que, se não forem desenvolvidas acertadamente, a exploração absoluta das suas potencialidades pode equipará-las aos tradicionais processos exercidos em salas de aula, como se houvesse uma transferência das aulas expositivas para o ambiente externo. Para que isso não ocorra, é preciso um exercício de reflexão, com o intuito de que a prática ou a atividade nesses locais seja empregada qualitativamente. Ainda, conforme salientado por Viveiro e Diniz (2009, p. 4),

[...] um trabalho de campo compreende não só a saída propriamente dita, mas as fases de planejamento (incluindo a viabilidade da saída, os custos envolvidos, o tempo necessário, a elaboração e a discussão do roteiro, a autorização junto aos responsáveis pelos alunos,

entre outros aspectos), execução (a saída a campo), exploração dos resultados (importante para retomar os conteúdos, discutir as observações, organizar e analisar os dados coletados) e avaliação (verificando, por exemplo, se os objetivos foram atingidos ou mesmo superados, quais aspectos foram falhos, a percepção dos alunos sobre a atividade).

Todo esse processo requer uma preparação antecipada, que inclui agendamentos prévios, permissões, adequações de horários, visando ao mínimo de erros possível. Também, para que a saída a campo possa contribuir com o aprendizado, é preciso que não fique limitada à visita simplesmente, o que pode configurar “num desperdício das potencialidades passíveis de serem trabalhadas por meio das atividades de campo” (VIVEIRO; DINIZ, 2009, p. 5). Além disso, o ideal é “[...] promover uma integração dos diferentes componentes curriculares em todas as fases do trabalho, do planejamento à avaliação, envolvendo diversas áreas do conhecimento” (VIVEIRO; DINIZ, 2009, p. 5), buscando alcançar o trabalho interdisciplinar com outros professores, para que conteúdos diversificados sejam potencializados com a saída a campo.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, que “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (MINAYO, 2003, p. 21), empregando o método materialista dialético fundamentado pela interpretação da realidade, pela *práxis* (prática articulada à teoria), pela visão de mundo, pela historicidade e pela materialidade (SAVIANI, 2011).

O objeto de estudo compreende a análise de uma saída a campo que foi parte integrante de uma disciplina optativa ofertada durante o segundo semestre de 2022 em um curso de mestrado profissional em ensino de humanidades, com duração total de 30 horas, cujo objetivo geral foi desenvolver competências de aspectos relativos ao ensino de Geografia em suas dimensões histórica, política, econômica, ambiental e sociocultural. A saída a campo foi realizada na região do Caparaó, sul do Estado do Espírito Santo, com um roteiro que incluiu visitas à Gruta do Limoeiro, à Flona de Pacotuba, ao Sítio Jaqueira, à Cachoeira da Fumaça, à Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) - de Patrimônio da Penha- e ao Polo de Educação Ambiental (Peama), do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes). A duração total da saída a campo foi de 24 horas, fragmentadas em três dias, com início

no sábado pela manhã e término na segunda-feira à tarde, tendo como ponto de saída e de chegada Vitória, capital do Estado. A supervisão e a programação da saída ficaram a cargo de dois professores permanentes do programa e um professor colaborador. O universo da pesquisa se constituiu dos 15 alunos matriculados na disciplina, que consentiram voluntariamente em participar do estudo. Como instrumentos de coleta de dados, foram utilizados: a observação, com registro de fotos e vídeos, e um questionário avaliativo, para levantar a percepção dos alunos sobre a realização da disciplina e da experiência como um todo.

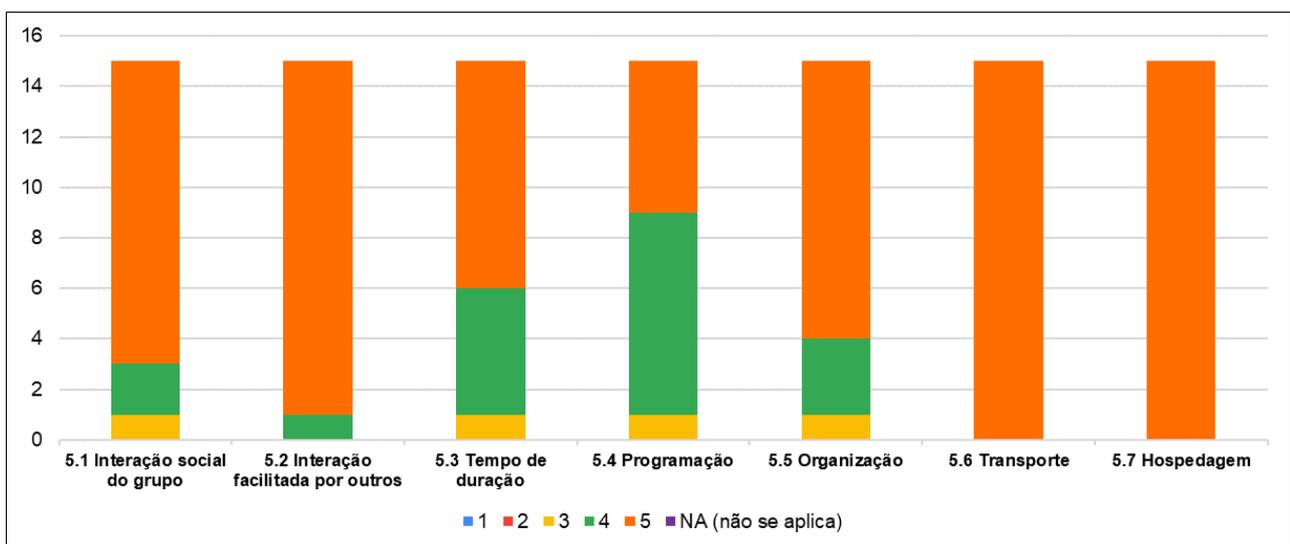
O questionário da avaliação da saída a campo compreendeu 18 questões, com pontuação em escala de 1 (um) a 5 (cinco), notas mínima e máxima, respectivamente, das quais nove questões eram objetivas, referentes às percepções dos alunos quanto à saída de campo na Região do Caparaó como um todo e de cada um dos locais visitados; e nove questões subjetivas, descritas, analisadas e discutidas na seção seguinte, com apontamentos de pontos fortes e pontos a melhorar referentes a cada um desses locais. Como já havia sido definido anteriormente com os participantes que a identidade seria preservada, estes foram, então, identificados neste trabalho como Aluno, seguido pelos numerais de 1 a 15. Os dados coletados foram analisados com base na análise de conteúdo de Bardin (2011), a partir das seguintes categorias: percepção, pontos a melhorar e pontos fortes.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados dos dados coletados no questionário permitiram, a partir das percepções dos discentes, identificar os elementos favoráveis e desfavoráveis, os pontos de deficiência e de destaque, relacionados com a relevância e a contribuição para o processo de formação e de ensino aprendizagem. Referente à questão geral enunciada como “Escala de avaliação geral sobre a saída de campo à Região do Caparaó”, na qual foram atribuídas notas de 1 a 5, 13 alunos, que correspondem a 86,7% do total de respondentes, deram nota 5, considerando, assim, que a saída a campo foi satisfatória; dois respondentes atribuíram as notas 4 e 3. Dessa forma, pode-se considerar, com base na nota média de 4,8, que a realização da saída a campo como um todo à Região do Caparaó foi significativa para a formação dos participantes.

O Gráfico 01 demonstra as notas atribuídas pelos participantes acerca da questão “Percepção sobre a saída de campo à Região do Caparaó, considerando no Geral e no Todo”, que foi subdividida em sete quesitos: Interação social do grupo; Interação facilitada por outros; Tempo de duração; Programação; Organização; Transporte; Hospedagem. Os quesitos “Interação social do grupo”, “Tempo de duração” e “Organização” ficaram com a média 4,73 pontos, sendo 3 a menor nota. Embora seja um resultado favorável, é passível de atenção, uma vez que há campo para melhoria, que pode resultar em um maior aproveitamento de apreensão de conhecimento e vivência. O quesito “Programação” recebeu a menor média, resultado que já era esperado, pois está associado diretamente ao roteiro dos espaços visitados, o tempo despendido em cada um deles e a extensão de toda a saída a campo, os quais, conforme já mencionado, foram os aspectos mais deficitários de toda a saída a campo e serão passíveis de uma reparação que possa tornar a programação mais proveitosa. O quesito “Interação facilitada por outros” ficou bem pontuado, por ter recebido apenas uma nota 4 e as 14 notas restantes 5, demonstrando que os monitores e os responsáveis pelos espaços assumiram com competência o papel de educadores, conforme descrito por Reis et al (2019), proporcionando reflexões, explicações e momentos de interação que enriqueceram a apreensão do conhecimento e a formação dos cursistas.

Gráfico 01 - Percepção sobre a saída de campo à Região do Caparaó, Geral e no Todo



Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Os quesitos “Transporte” e “Hospedagem” foram os mais bem avaliados, com 100% dos respondentes atribuindo a nota 5. Cabe esclarecer que tanto o transporte quanto a hospedagem foram obtidos com solicitação prévia na instituição, que cedeu o ônibus com o motorista oficial e o alojamento localizado no *campus* de Alegre, tornando possível isentar os custos dos alunos e dos professores, que precisaram custear somente a alimentação. Acerca desses quesitos, é meritória a atribuição da nota máxima, afinal, as instalações e a estrutura do local, além do estado do ônibus, foram um diferencial, garantindo conforto e segurança na viagem e na hospedagem.

A questão seguinte solicitava que fossem relacionados pontos fortes e pontos a melhorar no quesito “Percepção sobre a saída de campo à Região do Caparaó”. Acerca disso, as respostas ressaltaram como pontos fortes que o grupo, de maneira geral, foi participativo, e que os locais visitados possibilitaram o desenvolvimento de práticas pedagógicas (GOHN, 2006). Por outro lado, como ponto a melhorar foi mencionada a organização do tempo de visita, pois, em alguns espaços, a visita foi curta e acelerada, impossibilitando a exploração do local como um todo. Tal percepção é compartilhada também pelos professores, que tomarão medidas quanto ao redimensionamento do tempo para que essa ocorrência seja evitada em saídas futuras e, assim, o aproveitamento da saída a campo esteja garantido. O Quadro 1 apresenta as opiniões de alguns alunos.

Quadro 1: Opiniões de alguns alunos acerca da saída de campo à Região do Caparaó

Aluno 6: “Pontos fortes: atividade teórica e prática, experimentação com a prática de extensão e a possibilidade de conhecer o Espírito Santo e seus espaços geográficos. Pontos fracos: o tamanho da visita na programação poderia ser reformulado bem como a ordem das visitas.”

Aluno 8: “Todo o planejamento foi excelente, apenas analisar se todos os alunos por mais que queiram participar da disciplina entendem a abrangência do tema e disposição para participar da prática.”

Aluno 13: “Extremamente válida para compreendermos na prática as teorias e com isso também valorizarmos, ainda mais, os movimentos de preservação ambiental. Pontos a melhorar: organizar o tempo nos espaços de visitas técnicas.”

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

As questões seguintes voltam-se, de forma particular, para a análise da percepção de cada um dos espaços não formais de educação visitados, sendo uma questão configurada para a atribuição de nota, subdividida em 10 quesitos, e a outra configurada como questão aberta para a identificação dos pontos fortes e dos pontos a melhorar, mediante o ponto de vista dos participantes da pesquisa.

O primeiro espaço avaliado no questionário foi a Gruta do Limoeiro. Os quesitos “Interação facilitada por outros”, “Roteiro de visita”, “Potencialidades do espaço para a construção do conhecimento”, “Atuação do mediador” e “Relevância da visita ao espaço para a sua formação” receberam a nota máxima 5 de todos os respondentes, enquanto os quesitos “Interação social do grupo”, “Tempo de duração da visita”, “Organização” e “Estrutura” receberam uma nota 4 e 14 notas 5. Isso aponta que a visita a esse espaço foi apreciada por todos e a maioria, ou seja, 93% dos alunos concordaram que visitar esse espaço representou uma experiência prazerosa e produtiva. Apenas o quesito “Acessibilidade” foi pontuado com uma nota mínima 1, uma nota 3, duas notas 4 e o restante nota 5, o que é compreensível, haja vista que o trajeto da visita impossibilita visitantes que sejam cadeirantes ou que possuam locomoção reduzida. Diante desses resultados, pode-se concluir que a Gruta do Limoeiro se apresentou muito propícia enquanto espaço de educação não formal, promovendo uma experiência singular com relação à apreensão de conhecimentos e de vivências científicas, arqueológicas e históricas, possibilitando, ainda, o conhecimento interdisciplinar (VIVEIRO; DINIZ, 2009).

Acerca dos pontos fortes e dos pontos a melhorar, os alunos relacionaram somente pontos fortes, tecendo elogios à visita à Gruta do Limoeiro, desde a apresentação do guia, o qual se apresentou como um educador, de acordo com ponderações de Reis et al (2019), até as práticas pedagógicas não formais desenvolvidas na área, que “podem ser utilizadas por diversos segmentos da educação básica”, de acordo com os apontamentos descritos pelo Aluno 10.

Os resultados da próxima questão, “Percepção sobre a visita à Comunidade Quilombola Monte Alegre”, demonstraram a atribuição de notas mais baixas, em comparação com os outros locais visitados, em quase todos os quesitos, com a atribuição de mais notas 1, o que demonstra que a experiência voltada para a formação dos cursistas neste espaço não foi muito proveitosa. Com média em torno de 4 pontos, os quesitos agradaram em parte os respondentes, afinal, pelos relatos, ficou claro que o local, para ser enquadrado como um espaço de educação não formal, precisaria de certos ajustes e de atenção quanto à adequação de suas instalações, favorecendo a mediação e a reflexão de aspectos mais identitários da cultura afro-brasileira, de conquista e de resistência. Isso pode ser comprovado

pelas respostas no quesito “Estrutura do local”, com uma das menores notas, pontuado com média de 3,8. O quesito mais bem avaliado com média de 4,33 foi “Interação facilitada por outros no espaço”, haja vista que além do mediador, morador do local, que pôde relatar pormenores históricos da conquista da propriedade, as intervenções acerca da Educação Ambiental (EA) foram reforçadas pela técnica do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper), que promoveu um diálogo com todos os presentes.

O ponto forte destacado pelos alunos na Comunidade Quilombola Monte Alegre foram a refeição oferecida no local, que faz parte da experiência, e o relato do mediador sobre a vivência naquele espaço, conforme destacado pelo Aluno 13, que citou: “Destaco a organização e união que o mediador relatou a respeito da comunidade. A vida construída naquele local e a forma com que eles se vêem foi bastante significativa para mim.” Como pontos a melhorar foram citadas a necessidade de um resgate histórico, social e cultural do espaço e a carência de uma abordagem sobre a cultura quilombola. O desapontamento da visita foi tão grande, que o Aluno 2 manifestou o seguinte: “Excluir do roteiro.” Tal sentimento foi compartilhado por nove respondentes que observaram que o espaço poderia ser um diferencial para a apreensão do conhecimento relacionado com as questões étnico-raciais, principalmente. Atenta-se, neste ponto, que o local não pode ser meramente para a realização de uma visita, conforme alertam Viveiro e Diniz (2009).

A próxima questão se voltou à Flona de Pacotuba. De modo geral, a avaliação foi favorável, pois constatou-se que somente o quesito “Acessibilidade” recebeu uma nota 1, com média total de 4 pontos, enquanto os outros quesitos ficaram com médias entre 4,6 e 4,86. Na questão aberta, o ponto forte apontado pelos alunos foi a trilha, que possui uma diversidade de conhecimentos, retratando o valor da preservação em uma área degradada e da relação com a natureza, em especial, por possuir árvores centenárias e de espécies raras, representando uma experiência singular. (VIVEIRO; DINIZ, 2009). O relato do Aluno 13 deixa isso bem claro: “Significativa, pois ao termos contato com a preservação da natureza, foi emocionante ver de perto as árvores e o quanto aquele espaço é importante para a população local.” Contudo, como pontos a melhorar, sugeriram que o local precisa de uma sede administrativa ou um centro de educação ambiental para desempenhar melhor as suas

atividades. Também, durante a trilha, alguns participantes ficaram incomodados e prejudicados pelo comportamento dos próprios colegas que se empolgaram, falando e rindo com tom alto, o que é legítimo; isso se justifica, pois, em certos momentos da trilha, para que possa haver a contemplação da natureza e a possibilidade de ouvir alguns animais, o silêncio é primordial, assim como mostra o relato do Aluno 5, assim descrito: “Diversidade de conhecimento ao longo da trilha. Gostaria que a próxima turma tivesse a orientação quanto ao silêncio, para ‘ouvir’ a mata.”

Na sequência, o outro espaço visitado foi o Sítio Jaqueira, cujos quesitos mais bem avaliados foram a “Interação social do grupo” e a “Interação facilitada por outros”, cuja média foi 4,67 e 4,74 respectivamente. Por outro lado, os quesitos “Tempo de duração de visita” e “Acessibilidade” foram os quesitos com médias mais baixas (3,33), fato que procede, uma vez que a extensão do tempo da visita prejudicou a atenção dos alunos, deixando-os mais dispersos nos instantes finais e menos interessados, além de ter prejudicado, também, os passeios posteriores que estavam agendados. Sendo assim, os professores irão avaliar os ajustes necessários para que uma futura visita a esse espaço seja mais proveitosa, adequando o roteiro e reavaliando o tempo de duração da visita, de forma que não incorra mais nesses entraves.

Quanto aos pontos fortes e pontos a melhorar da visita ao Sítio Jaqueira, que compreende práticas pedagógicas com diversas atividades, os discentes ressaltaram como ponto forte a importância desta visita para a formação; em especial, tem-se a relação do mediador com o espaço, o qual, embora não possua formação na área, tem experiência e faz, na prática, a educação ambiental, possibilitando “a articulação com a comunidade educativa.” (CASCAIS; TERÁN, 2014, p. 3 e 4) Embora tenham sido identificados, durante a explanação, algumas informações e conhecimentos sem base científica e até equívocos técnicos, acredita-se que o saber que o mediador detém, baseado no senso comum, possa contribuir para a aquisição de conhecimentos. Como ponto a melhorar, os alunos apontaram que a visita foi muito extensa, prejudicando o restante da programação de visitas do dia. Destacam-se, no Quadro 2, as opiniões dos alunos 6, 8 e 13, que comprovam esse fato.

Quadro 2: Opiniões de alguns alunos sobre o Sítio Jaqueira

Aluno 6: “Pontos fortes e fracos: uma visita muito boa e uma excelente oportunidade de conhecer uma importante personalidade para a implementação da agroecologia e do desenvolvimento sustentável em áreas rurais próximas as cidades, porém, foi perceptível que o Milton não possui alguém que possa ajudá-lo a melhorar a sistemática das visitas de grupos no sítio Jaqueira. Achei em alguns momentos, muito repetitivo, e fez com que a experiência tivesse altos momentos de muita intensidade bem como momentos de bastante cansaço (perda de tempo). Em resumo, poderia ser mais rápido e igualmente ou mais eficaz.”

Aluno 8: “Este espaço foi interessante, muitas possibilidades para educação ambiental de verdade, contudo a explanação da visita feita pelo [proprietário] (ser humano fantástico) muito voltada pra agricultores com técnicas agrícolas e várias dessas com alguns equívocos científicos e técnicos.”

Aluno 13: “O amor que o mediador demonstra por sua causa, sua luta, é surreal de emocionante.”

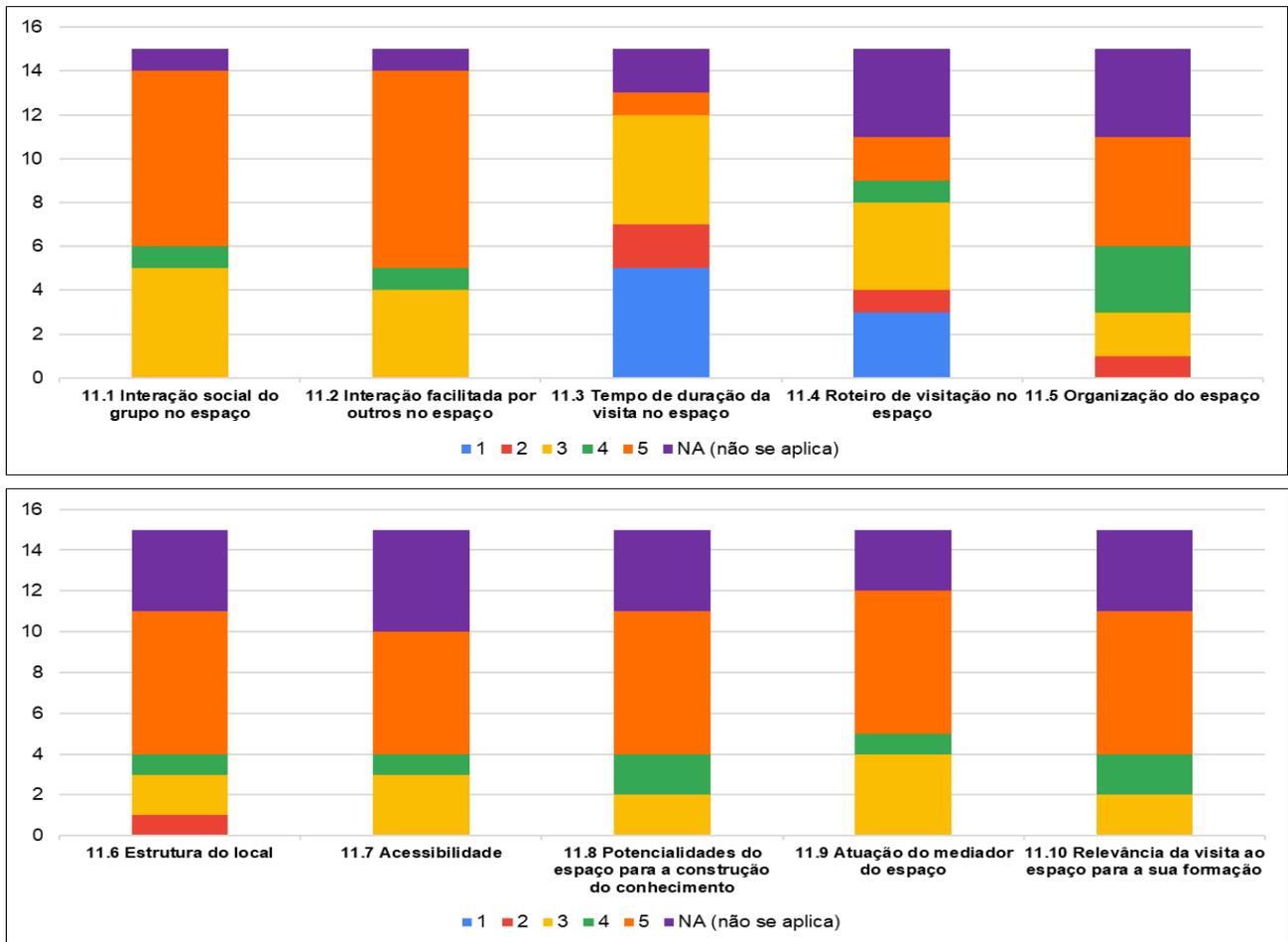
Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

O próximo espaço avaliado foi a Cachoeira da Fumaça, cuja questão de percepção demonstrou que o quesito “Tempo de duração da visita no espaço” ficou com a menor média (3,33) entre todos os quesitos, devido a passagem curta pelo local, ocasionada pelo atraso da visita no Sítio Jaqueira. Também, do restante, os quesitos “Acessibilidade” e “Atuação do mediador” foram os únicos que receberam nota 1, conforme os argumentos do Aluno 6, assim descrito: “O guia na verdade não era um guia; apesar de ter nos recepcionado muito bem; achei que ficamos muito pouco tempo no local para que pudéssemos absorver tudo o que o local poderia nos proporcionar.” Daí a importância de um mediador educador, conforme apontam Reis et al (2009). Os quesitos “Interação social do grupo” e “Organização” foram os que ficaram com maior média, o que já era esperado, pois os alunos se empolgaram com a beleza do lugar, além de ter sido um dos espaços que mais motivou o registro com fotos e proporcionou momentos de relaxamento e de lazer, o que fez o grupo ficar mais unido e participativo.

Ainda sobre a Cachoeira da Fumaça, os alunos ressaltaram, como pontos fortes, que a visita foi excelente e que o lugar é belíssimo e espetacular, pela sua natureza e pelas possibilidades de abordagem dos conteúdos curriculares, que podem ser trabalhados de forma multidisciplinar (VIVEIRO; DINIZ, 2009); enquanto, como pontos a melhorar, os participantes indicaram que seria necessária uma visita com uma duração maior para o local ser melhor explorado, inclusive, com realização de trilhas no espaço.

A questão “Percepção sobre a visita ao RPPN- Patrimônio da Penha” indicou que este espaço foi o mais prejudicado pelo atraso do roteiro. Ao se observar o Gráfico 02, conclui-se que não há unanimidade nas respostas, pois, enquanto alguns deram notas médias nos quesitos, um percentual significativo indicou “Não se aplica”, refletindo que os alunos não conseguiram tirar proveito da visita na sua totalidade. As condições do tempo chuvoso e o avançado da hora de chegada não colaboraram.

Gráfico 02 - Percepção sobre a visita ao RPPN - Patrimônio da Penha



Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Sobre a visita ao RPPN – Patrimônio da Penha, foram relatados, como pontos fortes, a beleza e a preservação do lugar, bem como o momento de diálogo com a mediadora, que demonstrou muito conhecimento e engajamento da Educação Ambiental e sobre o local (REIS et al, 2019). Como pontos a melhorar, os participantes relataram que sentiram falta de explorar mais o local (pelo horário e por

fatores climáticos); dessa forma, consequentemente, foram insuficientes os conhecimentos sobre o trabalho realizado na área. Tal manifestação levou os professores a ponderarem um ajuste no roteiro, visando evitar que isso ocorra novamente e, assim, impossibilitar que a experiência com o local seja comprometida, garantindo a rica contribuição que a visita pode trazer para a formação. Destaca-se o relato do Aluno 6: “Lugar de beleza natural singular. Abre a possibilidade de abordagem a conteúdos de geografia física e da área ambiental como um todo. A [mediadora] nos recebeu muito bem; achei que ficamos muito pouco tempo no local para que pudéssemos absorver tudo o que o local poderia nos proporcionar.”

O último espaço avaliado foi o PEAMA/Ifes- *campus* de Alegre, que teve os seguintes quesitos com nota máxima: “Interação facilitada por outros no espaço” e “Roteiro de visita”, o que reflete a estrutura do espaço e a recepção proporcionada pelo mediador e guia. Os quesitos “Interação social do grupo”, “Tempo de duração de visita”, “Organização”, “Estrutura”, “Potencialidades do espaço para a construção do conhecimento”, “Atuação do mediador” e “Relevância da visita ao espaço para a sua formação” ficaram com média 4,93. A avaliação foi considerada acertada, quando pensada a visita como um todo, desde a facilidade de acesso, as trilhas, o roteiro, as instalações e a mediação. O único quesito com nota inferior foi a “Acessibilidade”, o que se justifica devido ao acesso e ao trajeto desnivelado das trilhas, com momentos de subida e de descida íngremes pela mata, o que impossibilita o trajeto por parte de cadeirantes e pessoas com baixa visão ou deficientes visuais. Para crianças menores, há uma trilha específica, porém, tem-se a necessidade de vigília constante para não causar acidentes.

Os relatos sobre os pontos fortes sobre a visita ao PEAMA/Ifes- *campus* de Alegre apontaram que a visita foi excelente e estruturada, principalmente devido ao mediador do local, que conhecia todo o projeto e agregou positivamente, com bastante conhecimento sobre a área, revelando a importância dessa atuação para a apreensão do conhecimento conforme sustentam Reis et al (2019). Como ponto a melhorar, foi citada apenas a acessibilidade do local. Merecem destaque os relatos de alguns alunos, conforme apresentado no Quadro 3.

Quadro 3: Relatos de alguns alunos acerca da visita ao PEAMA

Aluno 4: “Ao longo de toda trilha tivemos pausas para aprender sobre a mata, o guia foi primordial para o processo.”

Aluno 5: “Excelente. Muito bem estruturado. O profissional que nos acompanhou é extremamente capacitado e interage muito bem com os visitantes.”

Aluno 8: “Local excelente pra educação ambiental integral.”

Aluno 13: “O Peama é um espaço riquíssimo para construção do conhecimento, do respeito a natureza e da relação teoria e prática. Pontos a melhorar: acessibilidade do local.”

Aluno 14: “Pontos fortes: a conversa durante a trilha, ver a cachoeira seca, a visão que as crianças têm sobre a trilha e a área construída pelos estudantes. A melhorar: nada.”

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Na última questão, “Gostaria de fazer alguma outra sugestão ou consideração sobre a Disciplina e/ou Saída a Campo?”, os estudantes elogiaram a disciplina e a saída a campo, ressaltando a riqueza de projetos e locais presentes no estado do Espírito Santo a serem explorados, em especial no norte, o que sugere uma intenção investigativa a ser programada futuramente pelos professores. Um relato descrito na íntegra e original do Aluno 14, transcrito no Quadro 4, ilustra a experiência.

Quadro 4: Relato do Aluno 14 sobre a disciplina e saída a campo

“Eu ameeeeeei. Foi muito significativa para a construção da minha prática pedagógica. Poder conhecer o quanto nosso Estado é rico em potencialidades ambientes, permeadas por pessoas que amam a natureza e a defendem com muita luta e perseverança, foi surreal. Obrigada professores pelo carinho, pela abertura de espaços dialógicos e pelas trocas de conhecimentos. Oportunizar intencionalmente aulas com as propostas trazidas, me leva a enfatizar o quanto as visitas foram divertidas, legais, problematizadoras e principalmente enriquecedoras.”

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Com base nesses resultados, ficou atestado que a realização da saída a campo conseguiu atingir os objetivos propostos, especialmente por ter sido avaliada de modo satisfatório pelos alunos. Embora a análise tenha revelado alguns aspectos que se mostraram deficitários, a experiência, de modo geral, agradou totalmente a maioria. As expressões dos respondentes comprovaram que foi uma oportunidade diferenciada no processo de apreensão dos conhecimentos, a partir do território vivido, pois puderam vivenciar, na prática, a ambientação do local, pensando em propostas *in loco*, e, assim, potencializar o processo de ensino aprendizagem dentro de uma formação humanística, que seja contextualizada e transformadora (FREIRE, 1996).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, o presente artigo considerou os resultados da avaliação de uma saída a campo realizada com alunos de mestrado de ensino em humanidades. O levantamento dos aspectos que se mostraram frágeis serão passíveis de consideração por parte dos professores para adequações que possam tornar a saída a campo mais sistematizada. Considerou-se oportuna a aplicação do questionário, pois possibilitou aos professores um retorno para validar a relevância da saída a campo como uma alternativa produtiva para se pensar em práticas pedagógicas a serem executadas no e a partir do lugar, enriquecendo o fazer educativo de forma multidisciplinar e em consonância com a Educação Ambiental, sem deixar de lado as fragilidades que precisam ser acertadas.

Finalmente, a média em torno de 4 pontos, em uma escala de 5 pontos, atribuída em todos os quesitos de todos os locais, atestou que a realização da saída a campo contribuiu para o aprimoramento de práticas pedagógicas multidisciplinares com a EA, pensadas a partir de experiências vividas em espaços não formais de educação para alunos da pós-graduação. Isso é reforçado com o comentário do Aluno 10: “Os locais escolhidos foram de uma grande riqueza.”

Essa experiência voltada para os alunos se torna interessante, pois os participantes desta pesquisa também são professores, que se apropriaram da vivência para replicar com seus alunos em suas práticas, expandindo e potencializando, assim, a construção do conhecimento.

Um agradecimento à Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes) – <T.O. 946/2022, processo 2022-V7MV2>- pelo apoio no desenvolvimento desta pesquisa.

6 REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CASCAIS, Maria das Graças Alves; TERÁN, Augusto Fachín. Educação formal, informal e não formal na educação em ciências. **Ciência em Tela**, v. 7, n. 2, 2014. Disponível em: <http://www.cienciaemtela.nutes.ufrj.br/artigos/0702enf.pdf>. Acesso em: 07 mar. 2023.

FARIA, Rafaella Librelon de Faria; JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho; OLIVEIRA, Renata Carmo. Possibilidades de ensino de botânica em um espaço não-formal de educação na percepção de professoras de ciências. **Revista Ensaio**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 87-104, jan./abr. 2011.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epec/a/T4ttdnYqr6drfhcRGtjW8Vy/?format=pdf&lang=pt>.
Acesso em: 02 abr. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio**: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, v. 4, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/s5xg9Zy7sWHxV5H54GYdfQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 mar. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 3. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2003.

REIS, Esterline Felix dos; et al. Espaços não formais de educação na prática pedagógica de professores de ciências. **Revista REAMEC**, Cuiabá-MT, v. 7, n. 3, p. 23-36, set./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/reamec/article/view/8265/pdf>. Acesso em: 31 jul. 2023.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 11. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2011. (Coleção educação contemporânea).

VIVEIRO, Alessandra Aparecida; DINIZ, Renato Eugênio da Silva. Atividades de campo no ensino das ciências e na educação ambiental: refletindo sobre as potencialidades desta estratégia na prática escolar. **Ciência em Tela**, v. 2, n. 1, 2009. Disponível em: <http://www.cienciaemtela.nutes.ufrj.br/artigos/0109viveiro.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2022.